

Maria Luísa Taborda Santiago*

Universidade do Porto - ILC

Silva, Fabio Mario da (2022), *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*, Uberlândia, Tavares & Tavares. 178 páginas. ISBN: 978-65-993009-3-6.

Fabio Mario da Silva, Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, publicou o seu mais recente livro sobre estudos feministas, intitulado *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*. Resultado de sua investigação de pós-doutoramento, este livro é uma pesquisa aprofundada sobre a escritora Ana Plácido e tem o mérito não só de a resgatar do silêncio da História da Literatura, mas também de permitir aos leitores uma percepção mais ampla do contexto social, cultural e intelectual a que as mulheres do século XIX estavam submetidas.

O prefácio da obra é de Cláudia Pazos Alonso, que já antecipa o trabalho de pesquisa minucioso que Fabio Mario da Silva realizou, ao longo de 178 páginas. O livro é útil desde logo pela sua pertinência bibliográfica. Com um embasamento teórico que não se restringe apenas aos estudiosos de Camilo Castelo Branco, Fabio Mario da Silva traz para reflexão os mais recentes estudos que se têm dedicado a resgatar do esquecimento a obra da escritora Ana Plácido (Adriana Mello Guimarães, Irene Vaquinhas, Vanda Anastácio, Conceição Flores, Paulo Motta Oliveira e a própria Cláudia Pazos Alonso). Além de fundamentar teoricamente a sua pesquisa com nomes bem conhecidos da crítica feminista e dos estudos de género (Joan Scott, Elaine Showalter, Maria Rita Kehl ou Michelle Perrot). Desta forma, o livro possibilita ao leitor ter conhecimentos amplos sistemáticos sobre as problemáticas do feminino no século XIX, ao narrar o percurso de formação cultural e intelectual de uma mulher culta deste mesmo século, Ana Augusta Plácido, e ao discutir sobre as estratégias narrativas que a escritora desenvolveu para a construção das suas personagens femininas.

O livro está dividido em três capítulos que podem ser lidos com três argumentos (do mais universal ao mais particular).

No primeiro capítulo, intitulado “O estereótipo feminino oitocentista e o século XIX”, parece-nos muito relevante a análise que Fabio Mario da Silva faz sobre a situação da mulher portuguesa oitocentista porque se concentra num letramento jurídico que ajuda a compreender a história cultural em que Ana Plácido escreveu. O autor conjuga nas representações culturais, particularmente, essa visão jurídica e biológica (o útero limitava à capacidade de cuidar do lar, dos filhos e do marido, em resumo a existência da mulher era limitada ao cuidado dos outros) com uma visão religiosa de um povo católico. A associação da imagem da mulher com a Virgem Maria teve influência na arte,

na literatura e na cultura deste século marcada por uma sociedade predominantemente conservadora. Ainda que a Virgem como educadora de Cristo seja usada para promover a mulher que lê e educa. A nosso ver essa visão pode ser descurada. No entanto, a análise que este livro nos oferece privilegia também algumas mudanças sociais e culturais que, a partir da segunda metade do século XIX, começaram a desafiar estes estereótipos de gênero e abrir caminho para transformações mais significativas que aconteceriam sobretudo no século seguinte. Apesar da segunda metade do século XIX ser uma época marcada por muitas restrições, é também neste contexto que algumas mulheres começam a ter participação mais ativa no meio público. Este é o caso de Ana Plácido, através do seu percurso de escritora e nas representações do feminino que ela nos deixa. Fabio Mario da Silva demonstra estas mudanças a partir da análise da educação intelectual da autora.

Em consequência, no capítulo II, “Esboço da formação educacional de Ana Plácido”, tenta-se desvendar alguns mistérios que dominam esta primeira fase da vida da escritora no que diz respeito à sua formação educacional utilizando uma estratégia bastante interessante: vai buscar as referências literárias que a escritora nos dá a conhecer através das epígrafes que ela inclui em seus escritos e também pelas citações de suas personagens, como por exemplo Eugène Sue, Balzac, Chateaubriand, George Sand, Lamartine, Charlotte Brontë, Alfred de Musset, entre outros. Vale ainda realçar aqui a crítica pertinente de Fabio Mario da Silva aos historiadores de literatura, como Jacinto Prado Coelho, que contribuem para a desvalorização e apagamento de escritoras do século XIX, mantendo o que já tinha sido dito. Fica claro que a proposta do autor não tem o intuito de descredibilizar o trabalho destes estudiosos, mas sim de questioná-los por ser agora obrigação nossa. Na História da Literatura quem dita o que é uma “escritora sem talento” e porquê? Quais as consequências destes discursos para a produção de autoria feminina na História da Literatura? Quem pode dizer o que é relevante e porquê? Cremos que Fabio Mario da Silva contribui com a sua pesquisa para que nós, enquanto estudantes e pesquisadores, possamos perguntar-nos o que é ser “relevante”? E, essencialmente, “relevante” para quem? Estes são questionamentos demasiado importantes numa investigação que se propõe ao estudo de uma autora como Ana Plácido, que não está incluída no cânone literário. Outra questão importante debatida neste livro, ainda relacionada com os estudos de gênero ou feministas, é a circunstância muito distinta em que escrevem os homens e as mulheres. Ele nos comprova tal distinção comparando a trajetória pública de Camilo Castelo Branco e Ana Plácido. Neste segundo capítulo, para além de Fabio Mario da Silva nos fazer acompanhar a jornada de formação intelectual da escritora, dá-nos a oportunidade de descobrir uma de suas obras quase desconhecida, o conto “Visões”. O texto foi publicado num periódico do século XIX e até ao momento não passou por um processo de reedição, sendo de difícil acesso a quem não o procurar também nos jornais. Esta questão do suporte da literatura revela-se determinante para avaliarmos o *corpus* de um autor ou autora hoje. Quem não pode ler, não pode analisar. Na análise que Fabio Mario da Silva faz sobre este conto, dá especial ênfase ao caráter

ultrarromântico da escrita de Ana Plácido. Sendo muito bem elaborada, abre, todavia, pistas para outros tipos de análise que nos parecem igualmente interessante como a projeção de Ana Plácido através das suas protagonistas.

É neste sentido que devemos ler o terceiro, e último, capítulo “Problemáticas femininas na obra de Ana Plácido”. Fabio Mario da Silva faz uma leitura crítica da construção das personagens femininas na obra de Ana Plácido, tendo como foco as personagens de *Herança de Lágrimas*, romance que a escritora publicou em 1873, mas outros romances e contos são também apresentados como, por exemplo, *Meditações e Luz Coada por Ferros*. Divido em quatro análises aprofundadas sobre a escrita placidiana, Fabio Mario da Silva divide o capítulo III em quatro subtítulos “Os enclausuramentos”, “A cumplicidade e a rivalidade feminina”, “As mulheres e a luta contra o patriarcado” e a “Infidelidade feminina e masculina: o adultério e a separação”. É muito importante esta organização, pois estas são temáticas recorrentes na obra de Ana Plácido: com efeito as suas personagens femininas circulam sistematicamente em torno de questões que foram relevantes na vida da escritora. Mas aqui também é importante destacar que uma das temáticas fundamentais na obra de Ana Plácido é, sem dúvida, o casamento e o adultério, vistas agora e com novidade, na perspetiva da mulher. Este capítulo destaca o carácter autobiográfico (ou talvez seja mais preciso o conceito de autoficção?) da escrita de Ana Plácido. Para a escritora é determinante a forma como a sociedade portuguesa lidava com o adultério. Do ponto de vista dos narradores de Ana Plácido, as mulheres eram, moral e publicamente, mais punidas que os homens. Um dos méritos deste estudo está em comprovar, através da análise das obras e da vida de Ana Plácido que tanto ela quanto as suas personagens, são exemplos desta evidente assimetria de género na construção da História da Literatura, ainda predominante no século XXI.

Sendo uma obra muito útil para quem se interessa pelos estudos de género em geral e pela biobibliografia de Ana Plácido em particular, este estudo crítico de Fabio Mario da Silva torna-se assim indispensável para quem se interesse pela História da Literatura (e pela História da Literatura Portuguesa em particular).

NOTA

* Maria Luísa Taborda Santiago é Mestre e doutoranda em Estudos Literários Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto e colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, no grupo Intersexualidades. A sua investigação de doutoramento intitula-se “Ana Plácido e a assimetria de género: a consciência da autoria feminina no século XIX em Portugal”. Atualmente participa de um projeto de pesquisa Luso-Brasileiro que pretende publicar as obras completas da escritora portuguesa Ana Plácido.

Esta recensão foi escrita no âmbito da Bolsa de Doutoramento com a referência UI/BD/152293/2021, desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020).